ADJUNÇÃO E TEMPOS VERBAIS NAS PASSIVAS: UMA ANÁLISE EM LIVROS DE MEMÓRIAS PAULISTANOS

JAIRO FERREIRA DE SOUZA

RESUMO
Este artigo analisa a incidência de adjuntos adverbiais e a distribuição de tempos verbais em construções de voz passiva analítica e sintética. O trabalho investiga se a estrutura morfológica de cada tipo de passiva influencia a frequência de termos acessórios ou a escolha de tempos verbais mais complexos. A pesquisa utiliza uma metodologia quantitativa e qualitativa aplicada a um corpus documental composto por dois livros de memórias sobre a cidade de São Paulo entre o final do século XIX e início do século XX: "São Paulo naquele tempo (1895-1915)", de Jorge Americano, e "São Paulo de ontem e de hoje...", de Raul Duarte. O estudo identifica que o adjunto adverbial de lugar prevalece em ambas as modalidades, representando cerca de um terço das ocorrências. A investigação observa que a presença do agente da passiva é reduzida nas construções analíticas, ocorrendo em menos de um quarto dos casos analisados. Quanto aos aspectos temporais, a análise demonstra que tanto a passiva analítica quanto a sintética ocorrem predominantemente no pretérito imperfeito e no pretérito perfeito do indicativo, refutando a hipótese de que a forma sintética estaria vinculada a tempos verbais mais complexos. O artigo destaca que a passiva sintética apresenta uma inclinação significativamente maior ao uso do presente do indicativo em comparação à analítica. As considerações finais reiteram que, apesar das diferenças estruturais, a frequência de adjunções adverbiais permanece equilibrada entre as duas modalidades de passiva. O estudo conclui que a estrutura morfológica simplificada da passiva sintética não impõe uma maior complexidade sintática adjunta nos textos literários selecionados.

PALAVRAS-CHAVE: Sintaxe; Voz Passiva; Adjuntos Adverbiais; Tempos Verbais; Memórias.

INTRODUÇÃO

Nas construções passivas um dos argumentos do predicado é retirado. E a conversão de uma oração da voz ativa para a voz passiva é bastante descrita segundo a teoria transformacional. Em ambos os casos, há a extraposição do SN objeto para a posição de sujeito com o qual se realiza a concordância verbal. Na passiva analítica ocorre ainda a "extraposição do sujeito para depois do verbo, antecedido da preposição por (per), vindo a assumir a função de agente da passiva". Na sintética, a posição de sujeito (agente) é preenchida pelo pronome se. Também nesta há a descrição da passagem do SN sujeito para depois do verbo.
O que propomos é um olhar cuidadoso em relação ao que se diz majoritariamente nas gramáticas tradicionais de que a Voz Passiva é aquela em que o sujeito é paciente. Sendo assim, são necessárias algumas distinções iniciais entre as passivas sintéticas e as analíticas.
Vejamos:

"Ali por 1902 a Praça da República foi cercada de arame farpado. Vieram carroças, removeu-se terra daqui para ali, fizeram o lago, plantaram árvores, gramaram canteiros, e numa tardem de Ano Bom, com banda de música, foi inaugurado o jardim, com a presença do Presidente do Estado e do Prefeito".

Como vemos pelo trecho acima, estão alternados construções passivas, sintéticas e analíticas, e verbos na terceira pessoal do plural. No primeiro caso, que é o nosso objeto de estudo, temos por exemplo em "a Praça da República foi cercada de arame farpado" a presença do argumento interno [a Praça da República], que ocupa, portanto, a posição de complemento do Verbo, mas que na falta de um sujeito (que é o argumento eliminado) assume a função sintática do mesmo exercendo concordância com o verbo. O [de arame farpado] constitui um adjunto adverbial de matéria.
O mesmo ocorre em "e numa tarde de Ano Bom, com banda de música, foi inaugurado o jardim, com a presença do Presidente do Estado e do Prefeito" em que:

[e numa tarde de Ano Bom] é adjunto adverbial de tempo;
[com banda de música] é adjunto adverbial de modo;
[com a presença do Presidente do Estado e do Prefeito] é adjunto adverbial de companhia.
Aqui somente [foi inaugurado o jardim] constitui os chamados "termos essenciais da oração" segundo a Gramática Tradicional (sujeito e predicado) e como estamos no nível da escrita fica mais difícil encontrar variações na concordância entre sujeito e verbo.

Partindo de livros, então, de memórias sobre a cidade de São Paulo, foi encontrada grande quantidade de usos de passivas em que os sujeitos com o traço semântico [-animado], por exemplo, parecem ser dominantes. Nosso intuito é verificar se há alguma característica intrínseca a essas construções (sintéticas ou analíticas) que lhes permita agrupar maior ou menor quantidade de adjuntos, uma em relação à outra.
O estudo que se segue, portanto, se manterá, por um lado, no levantamento da presença desses "termos acessórios", especificamente dos adjuntos adverbiais, que a princípio poderiam se adjungir com mais frequência às passivas sintéticas (formada do verbo principal + a partícula se) justamente por sua estrutura mais simples, que às analíticas (verbo auxiliar + particípio do verbo principal).
Numa outra perspectiva, ainda é relevante a observação acerca dos tempos verbais. A hipótese inicial seria a de que a passiva sintética, devido a sua própria estrutura como dito acima, seria mais facilmente empregada, e em mais contextos (como descrições no presente: usa-se, mede-se, faz-se), com tempos verbais mais complexos (como os Compostos), reservando para a analítica os tempos mais simples.
Outras ramificações da análise seriam a verificação dos contextos, quais as situações de uso de cada uma das passivas, e ainda a relação presença/ausência dos Agentes da Passiva introduzidos nas analíticas, na maioria dos casos, pela preposição por (per), mas também por de e com.

METODOLOGIA
O corpus analisado consiste em dois livros de memórias referentes à cidade de São Paulo entre o fim do século XIX e o início do século XX.
De um deles, "São Paulo naquele tempo (1895-1915)", publicado em 1957, foram trabalhados os primeiros 79 capítulos, nos quais se encontram relatos da infância do narrador (é o caso de capítulos como "As lembranças mais antigas" e "Primeiro dia de escola", por exemplo) e relatos nos quais ele tenta retratar como a sociedade da época reagia ao progresso tecnológico, de modo a adaptar seus costumes (como acontece em "A 'máquina de escrever"), além de narrativas puramente descritivas de casas e ruas.
Os textos nele presentes, como diz o próprio narrador, pertencem a um grupo de escritos que objetiva contar fielmente as lembranças sobre a época:

"Eu tenho a impressão de que os que escrevem 'Naquele tempo' omitem quase sempre os menos favorecidos, salvo quando são gaiatos, boêmios ou tipos populares. Por isso quero referir também aqui os que compravam roupas feitas na Ladeira João Alfredo (Rua General Carneiro) ou na Rua da Estação (Rua Mauá)". (p. 63-64)

O autor, Jorge Americano, foi professor e reitor da USP, dentre outras muitas atividades na área da cultura, política e Direito. Sua formação é refletida na forma mais culta com a qual trabalha no livro, por exemplo.
Do segundo livro, "São Paulo de ontem e de hoje..." datado de 1941, foram analisadas pouco mais das 200 primeiras páginas correspondentes a 41 capítulos.
O livro tem características bastante peculiares por ter sido, inicialmente, elaborado para apresentação diária em um programa de rádio. Em cada um desses programas apresentava-se um aspecto interessante da cidade (um costume, uma festa tradicional, um monumento que havia sofrido algum tipo de modificação com o passar dos anos, etc). Os capítulos, portanto, são as transcrições, mais ou menos fiéis, de cada um desses programas, o que muitas vezes dá à escrita o dinamismo e a espontaneidade típicos da língua falada.
O autor, Raul Duarte, depois de recolher, através de uma extensa pesquisa, diversas informações sobre a vida e os

costumes na cidade de São Paulo no período já referido acima, organizou essas informações numa linguagem memorialista, dando voz, em muitos capítulos, à própria cidade e aos seus monumentos. Assim, temos construções curiosas como, por exemplo: "Fui atingido, friamente, pela aposentadoria compulsória" ou ainda "A minha armação metálica (...) foi inaugurada". Nesses dois casos, a voz narrativa é do Viaduto do Chá. Logo, não se trata exatamente de um livro de memórias pessoais, pois as memórias são da própria cidade de São Paulo.

Em ambas as obras, o fato da cidade de São Paulo estar em evidência faz com que sentenças passivas sejam muito frequentes, já que a cidade é, frequentemente, o sujeito das sentenças, mas raramente agente das ações.

Nosso primeiro passo foi recolher uma quantidade significativa de sentenças passivas, sintéticas e analíticas, nos dois livros analisados. Numa pesquisa basicamente quantitativa, buscou-se a identificação das adjunções adverbiais presentes nos dois tipos de passiva, em cada livro separadamente. Nosso objetivo era verificar se haveria alguma relação entre o tipo de passiva e a quantidade de adjuntos adverbiais incorporados à sentença. Verificamos também, nas passivas sintéticas, as orações adverbiais e quanto às passivas analíticas, computamos, juntamente com os demais adjuntos adverbiais, o agente da passiva, já que este é incorporado nas sentenças através de uma estrutura muito semelhante àquela que incorpora os demais adjuntos. Após esta primeira etapa, verificamos o tempo verbal de cada sentença coletada.

ANÁLISE: ADJUNÇÃO

Feitas as considerações iniciais a respeito das distinções fundamentais entre passivas sintéticas e passivas analíticas, passemos a análise dos dados obtidos. Como já foi dito, analisamos, primeiramente, a presença de adjunção adverbial em cada tipo de passiva. Abaixo, estão os dados obtidos a respeito das passivas sintéticas em cada livro analisado, seguidos de breve exposição:

Sintéticas: Frequência de adjunção adverbial em "São Paulo naquele tempo":

Adjunto (tabela 1)	Ocorrências	Porcentagem (%)
1.adjunto adverbial de lugar	44	33,33
2.ausência de adjunto	21	15,91
3.adjunto adverbial de tempo	18	13,64
4.orações adverbiais	13	9,85
5.adjunto adverbial de modo	13	9,85
6.adjunto adverbial de instrumento	12	9,09
7.adjunto adverbial de finalidade	8	6,06
8.adjunto adverbial de causa	2	1,52
9.adjunto adverbial de matéria	1	0,76
TOTAL	132	100

Exemplos:

"Mais perto, notou-se que não acabava ali. Estava enrolada no braço esquerdo" / "Deslizavam-se as letras pelos sulcos";

"Escutam-se grilos e sapos" / "Cheiros que se sentiam";

"Nos seguintes cinco dias fizeram-se encomendas no valor de 5 mil réis" / "O carro elétrico foi embora. A rua ficou vazia por meia hora. Ouve-se agora um rodar de carro de praça, a dois cavalos".

"Doado o prédio para a Faculdade de Arquitetura pelos filhos, inverteu-se a entrada"

"De repente escuta-se um badalo como de madrinha de tropas" / "Ensinava-se bem";

"É o segredo. Marmelada não se faz com açúcar refinado comum. Faz-se com açúcar cristalizado." "Uma vez por semana lavava-se a casa inteira com escova e lixívia";

"Para a bronquite asmática tomava-se poção de Todd" /"Oferece-se uma cozinheira para o trivial".

"Não era bem vôo, era uma espécie de neutralização das leis da gravidade, por um certo jeito que se dava ao corpo";

"[o carro elétrico] Tinha quatro lugares apertados, dois na frente e dois atrás. Não se cobria de lona ou encerado contra a chuva";



Pela tabela tem-se que mais de 33% das ocorrências é de adjunto adverbial de lugar. Ainda é necessário notar as construções que levam Orações Adverbiais que, segundo Celso Cunha, podem representar os Adjuntos adverbiais. Em "São Paulo Naquele Tempo" foram detectados 13 contextos em que elas aparecem e nos quais temos dois grupos: um em que a passiva é parte integrante da Oração Adverbial, somando um total de 4 ocorrências como em:

"E ainda tem que fazer ou receber alguma visita depois do jantar, quando se está morta de cansaço"
e outro em que a Oração Adverbial descreve a circunstância da ação indicada pelo verbo na passiva que constitui a Oração Principal, somando um total de 8 casos (todo o restante) como em:
"Quando o sorteio era suspeitado de fraude mudava-se".
Outro caso digno de nota é o das orações iniciadas por gerúndio (2 casos): a) "Seguindo pela Rua da Consolação, meio estrada, meio rua, cortava-se um dos extremos da recente Avenida Paulista (...)" e b) "Comprando lenha bruta paga-se quatro vezes o preço das carrocinhas de meio metro cúbico e recebe-se quantidade seis ou sete vezes maior, despejada à calçada". Segundo Cunha, o gerúndio anteposto à oração principal pode exprimir:

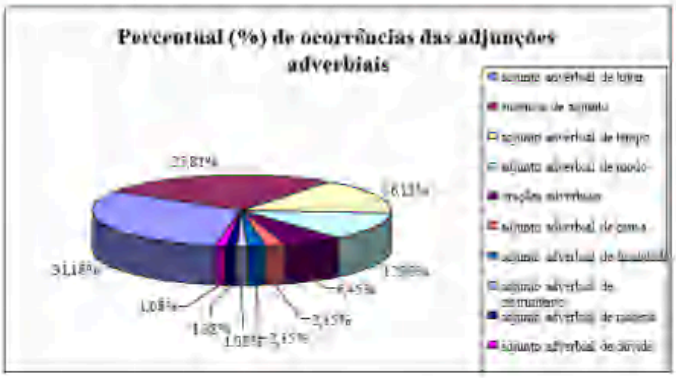
"uma ação realizada imediatamente antes da indicada na oração principal" ou "uma ação que teve começo antes da indicada na oração principal e ainda continua"

As duas ocorrências citadas acima marcam, no entanto, uma condição habitual - ora no passado (a), ora no presente como "verdade" (b) – o que foi incluído no levantamento como adjunto adverbial por denotar também circunstância do fato expresso pelo verbo. Com relação à quantificação das ocorrências conforme presente na tabela, essas construções figuram entre as Orações Adverbiais, embora o sujeito encontre-se na oração principal.

Sintéticas: Frequência de adjunção adverbial em "São Paulo de ontem e de hoje...":

Adjunto (tabela 2)	Ocorrência	Porcentagem (%)
1 adjunto adverbial de lugar	29	31,18
2 ausência de adjunto	24	25,81
3 adjunto adverbial de tempo	15	16,13
4 adjunto adverbial de modo	12	12,90
5 orações adverbiais	6	6,45
6 adjunto adverbial de causa	2	2,15
7 adjunto adverbial de finalidade	2	2,15
8 adjunto adverbial de instrumento	1	1,08
9 adjunto adverbial de matéria	1	1,08
10 adjunto adverbial de dúvida	1	1,08
TOTAL	93	100

Exemplos:
"Naquele mesmo prédio instalou-se a Câmera Municipal"
"Popularizou-se a scena do lavapés"
"Finalmente, em 1600 fundou-se o Mosteiro"
"O Largo do Arouche consagrou-se nova e definitivamente!"
"Quando se propagou aquella moda egoísta, as autoridades se sentiram na obrigação de considerar o seguinte: (...)"
"Por ocasião das solenidades que antigamente se effectuavam na igreja (...)"
"Nada se fizera para dotar esta cidade de um divertimento dessa natureza"
"Tambem, antigamente, se amarrava cachorros com lingüiça"
"Cobriu-se a rede de riachos perigosos"
"Alli vae se erguer, talvez brevemente, o edificio da Caixa Econômica Estadoal"



Aqui de um total de 93 registros, 24 (25,81%) não possui nenhum tipo de adjunto adverbial. E novamente a grande maioria dentre os adjuntos adverbiais presentes é de Lugar (31,18%).
No que diz respeito às orações com valor adverbial, das 6 registradas apenas 1 está com o verbo no gerúndio ("...valendo-me do que se me oferecia..."). Analisando a existência ou não de adjuntos adverbiais nas sentenças com passi-

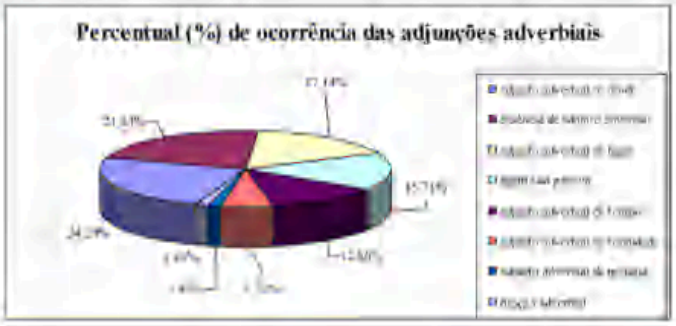
vas analíticas, verificou-se, por exemplo, que a presença de "Agente da Passiva" é pouco frequente. Das 70 ocorrências de adjunção retiradas do livro "São Paulo de ontem, São Paulo de hoje", apenas 11 apresentam esse adjunto. Já no livro "São Paulo naquele tempo" há uma razão de 24 ocorrências para 105 adjunções coletadas. Em todos os casos presentes nas obras utilizadas como corpus, esse complemento verbal é introduzido pela preposição por (pelo, pela). Quanto à preposição que introduz os agentes da passiva nas referidas obras, há uma sentença digna de nota no livro "São Paulo de ontem, São Paulo de hoje": "(...) cujos terrenos são vendidos por preços acessíveis" (p.14). Já no livro "São Paulo naquele tempo" há ainda um maior número de sentenças com esta estrutura, como: "E agora, tão ao centro da cidade, era referida (...) pela lembrança de certo fato." ou ainda, "Foi visto pela manhã." e também "(um moço recém-formado) tinha sido visto subir pela escada da frente". Nestes exemplos temos a preposição "por" introduzindo um adjunto adverbial, seja de tempo, de lugar ou de modo.
O fato desses adjuntos adverbiais serem introduzidos pela mesma preposição que antecede as ocorrências de agentes da passiva faz com que, a princípio, essas categorias sejam confundidas. O critério que distingue uma da outra é puramente semântico, como podemos observar em mais um exemplo do livro "São Paulo naquele tempo":

"Fui ralhado pelo meu relaxamento em tê-lo perdido (o guarda-chuva)."

Neste exemplo, num primeiro momento, o relaxamento parece ser o agente do ato de ralhar, quando na verdade ele é a causa. E isso parece ocorrer dado o uso desta preposição em específico, pois se ela for substituída por devido ao, por exemplo, a confusão é desfeita.
A ocorrência de adjuntos adverbiais também foi analisada concomitantemente à ocorrência de agente da passiva. Abaixo seguem-se também os resultados obtidos no livro "São Paulo de ontem e de hoje...":

Adjunto (tabela 2)	Ocorrência	Porcentagem (%)
1.adjunto adverbial de lugar	29	31,18
2.ausência de adjunto	24	25,81
3.adjunto adverbial de tempo	15	16,13
4.adjunto adverbial de modo	12	12,90
5.orações adverbiais	6	6,45
6.adjunto adverbial de causa	2	2,15
7.adjunto adverbial de finalidade	2	2,15
8.adjunto adverbial de instrumento	1	1,08
9.adjunto adverbial de matéria	1	1,08
10.adjunto adverbial de dúvida	1	1,08
TOTAL	93	100

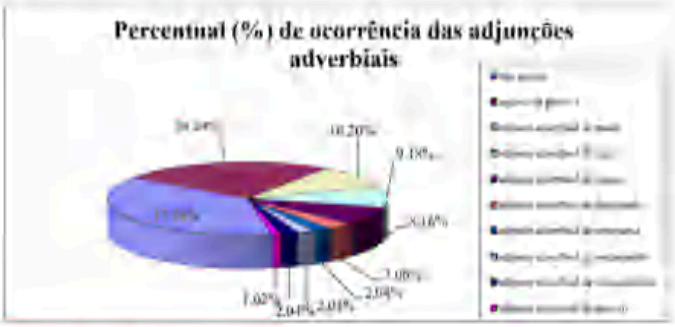
Exemplos:
"Onde os terrenos são vendidos a prazo longo"
"A lei é cumprida"
"E essa mercadoria (...) era desembarcada no porto (...)"
"Um dia, fui procurado pelo meu velho amigo e ex-companheiro"
"(...) o Chaguinhas, como ainda hoje é relembrado (...)"
"O pavimento inferior era destinado a abrigar o mercado de verduras".
"(...) e que ela fosse feita de madeira duradoura."
"Uma chácara e uma casa, que aliás, mereceram de minha parte, um sincero compadecimento, quando foram postas abaixo".



Seguem-se também o resultado dos mesmos dados verificados em "São Paulo naquele tempo":

Adjunto (tabela 4)	Ocorrência	Porcentagem(%)
1.agente da passiva	24	22,86
2.adjunto adverbial de lugar	19	18,10
3.adjunto adverbial de tempo	17	16,19
4.ausência de adjunto adverbial	16	15,24
5.adjunto adverbial de modo	13	12,38
6.orações adverbiais	5	4,76
7.adjunto adverbial de causa	4	3,81
8.adjunto adverbial de finalidade	3	2,86
9.adjunto adverbial de companhia	2	1,90
10.adjunto adverbial de instrumento	1	0,95
11.adjunto adverbial de circunstância	1	0,95
TOTAL	105	100

Exemplos:
"Sou consolado por minha madrinha."
"As bolinhas eram compradas na venda, ou tiradas de garrafas de gasosa (...)"
"No lugar em que se esteiou o Colégio dos Jesuítas em 1554, fora construída no século XVIII a Igreja do colégio dos Jesuítas."
"A lenha foi recolhida".
"Eu confiara que o concreto armado fora construído segundo as normas."
"Quando foi mandado para dentro, desatou a chorar".
"Fui ralhado pelo meu relaxamento em tê-lo perdido."
"E agora, tão ao centro da cidade, era referida, ou para a indicação de uma esquina onde se tomava o bonde, ou pela lembrança de certo fato."
" (...) e numa tardem de Ano Bom, com banda de música, foi inaugurado o jardim, com a presença do Presidente do Estado e do Prefeito".
"Nesse tempo, os aviões eram feitos com hastes de bambu ou alumínio(...)".
"A capota podia ser aberta em caso de bom tempo."

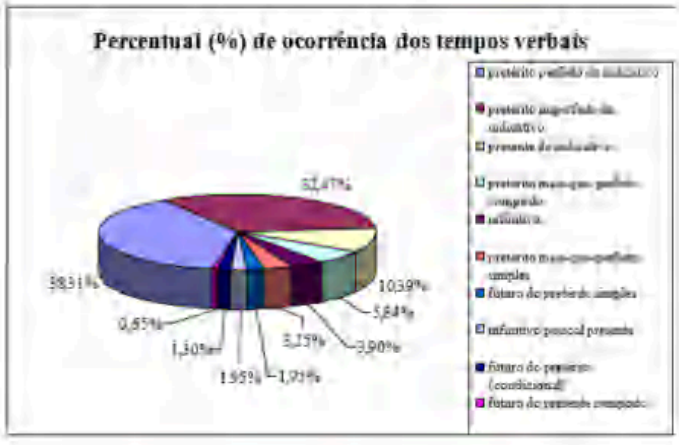


TEMPOS VERBAIS
Para finalizar, resta-nos mencionar o levantamento dos tempos verbais que nos mostram o grande uso do Pretérito Imperfeito do Indicativo. A tabela abaixo une os resultados levantados nos dois livros com relação à passiva sintética:

Tempos Verbais (passivas sintéticas) – tabela 5	Ocorrência	Porcentagem (%)
pretérito imperfeito do indicativo	86	41,95
pretérito perfeito do indicativo	60	29,27
presente do indicativo	49	23,90
pretérito imperfeito do subjuntivo	5	2,44
futuro do pretérito do indicativo (condicional)	1	0,49
futuro simples	1	0,49
locução verbal de futuro ir + infinitivo do verbo principal	1	0,49
presente do subjuntivo	1	0,49
pretérito mais-que-perfeito do indicativo	1	0,49
TOTAL	205	100

Analisamos o tempo verbal de cada sentença com o objetivo de verificar se o uso da passiva (sintética ou analítica) é mais frequente com algum tempo verbal específico. Nossa hipótese foi a de que o uso da passiva sintética, por ser mais simples, seria mais frequentemente (ou ao menos estaria mais inclinado a ser) aplicado em tempos verbais mais complexos, como o pretérito mais-que-perfeito. Enquanto a passiva analítica seria mais recorrente com tempos mais simples, como o presente e o pretérito perfeito e imperfeito. Os resultados obtidos em relação à passiva analítica são esses apresentados na tabela e em seu respectivo gráfico abaixo:

Tempos Verbais (passivas analíticas) – tabela 6	Ocorrência	Porcentagem (%)
pretérito perfeito do indicativo	59	38,31
pretérito imperfeito do indicativo	50	32,47
presente do indicativo	16	10,39
pretérito mais-que-perfeito composto	9	5,84
infinitivo	6	3,90
pretérito mais-que-perfeito simples	5	3,25
futuro do pretérito simples	3	1,95
infinitivo pessoal presente	3	1,95
futuro do pretérito (condicional)	2	1,30
futuro do presente composto	1	0,65
TOTAL	154	100



Tanto a passiva analítica quanto a sintética são muito usadas em combinação com tempos verbais que podemos chamar de simples, como o presente do

indicativo e os pretéritos perfeito e imperfeito. O Pretérito mais-que-perfeito é bastante usado em ambos os livros com verbos na voz ativa o que se restringe a quase 0,5% com passivas sintéticas e pouco mais de 3% com analíticas de todo o corpus.
No entanto, ao contrário do que tínhamos no quadro referente às passivas sintéticas, agora há quase a mesma diferença entre o Pretérito Perfeito e o Imperfeito do Indicativo só que a maioria se registra com o primeiro. Maior diferença ainda está no emprego do Presente do Indicativo: 23,9% das passivas sintéticas contra 10,39% das analíticas. Também é com a analítica que se realizam mais os tempos compostos (Pretérito Mais-que-Perfeito Composto: quase 6% nas analíticas). No entanto, de fato as poucas ocorrências (apenas 6) do modo Subjuntivo se dão com a sintética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os livros "São Paulo de ontem e de hoje..." e "São Paulo naquele tempo" referentes à adjunção, são bastante próximos com relação aos resultados. Com relação às analíticas, observando as tabelas e seus respectivos gráficos, veremos que as sentenças que não possuem adjuntos adverbiais apresentam um número relevante de ocorrências, alcançando 21,43% naquele e 15,24% neste. A baixa frequência da presença de agentes da passiva, se repete em ambos, numa razão, respectiva, de 11/70 (tabela 3) em um e 24/105 (tabela 4).
Outra conclusão importante é a do emprego das orações adverbiais que somam apenas 1,43% em "São Paulo de ontem e de hoje..." e 4,76% em "São Paulo naquele tempo". Em contrapartida, nas passivas sintéticas foi registrado 9,85% em "São Paulo naquele tempo" e 6,45% em "São Paulo de ontem e de hoje...".
E, por fim, com relação à ausência de qualquer tipo de adjunto, temos: do total de adjuntos presentes levantados das passivas sintéticas (180 somando os dois livros) tem-se 45 ausências (20% do total da soma dos dois valores); quanto ao total de adjuntos levantados das passivas analíticas (144 somando os dois livros), registraram-se 31 casos sem nenhum tipo de adjunção adverbial (17,7%). Pelo corpus, então, em ambas as obras as adjunções atingem quase a mesma porcentagem.
Quanto aos tempos verbais, a mais relevante diferença, uma vez que nas duas passivas os empregos do Pretérito Perfeito e do Imperfeito do Indicativo são dominantes, o que já era de se esperar de livros de memórias, foi a do emprego do Presente do Indicativo: 23,9% das passivas sintéticas contra 10,39% das analíticas. A ideia inicial de relacionar passivas sintéticas com tempos verbais mais complexos e analíticas com tempos mais simples, no corpus, não se manteve: 5,84% das analíticas foram encontradas no Pretérito Mais-que-Perfeito Composto. No entanto, de fato as poucas ocorrências (apenas 6) do modo Subjuntivo se dão com a sintética (presente e pretérito perfeito do Subjuntivo).
Durante o levantamento ainda foram destacadas algumas outras particularidades que merecem citação tais como, a posição de elementos entre o pronome apassivador e o verbo:

"(...), valendo-me do que se me oferecia (...)"
"(...) o que se não admite na orthographia aqui adotada"

Nos exemplos o pronome e o advérbio de negação estão colocados entre a partícula apassivadora e o verbo, o que só ocorre em "São Paulo de ontem, São Paulo de hoje" e apenas essas duas vezes, o que mostra que de mais de 200 contextos (dos dois livros) esse tipo de ocorrência é muito pequeno. No entanto, entre o verbo auxiliar e o principal na passiva analítica também foram identifi-i cados elementos como o próprio sujeito e os adjuntos adverbiais. Isso acontece em 10 dos 62 casos de passivas (16,13%) do livro "São Paulo de ontem, São Paulo de hoje" e apenas em 3 dos 91 (3,29%) de "São Paulo naquele tempo".

Exemplos:
"Por que terá sido essa Avenida [sujeito] escolhida para centralizar o movimento bohemio dessa cidade?" ("São Paulo de ontem e de hoje...") e "À frente da primeira (Ordem de São Francisco) estava, num pedestal cilíndrico a estátua de José Bonifácio, o Moço, que foi há uns 15 anos [adjunto adverbial] recolhida ao nicho do saguão da Faculdade de Direito" ("São Paulo naquele tempo").

Também do total de verbos na forma passiva sintética dos dois livros (203 casos), 10 verbos (quase 5% do total) foram empregados como modais como "podiam-se deter destroços" e "deve-se acrescentar também o de meia hora". Com relação às analíticas, apenas 1 caso se aproxima desses: "(um moço recém--formado) tinha sido visto subir pela escada da frente".
Com relação aos contextos em que cada uma das passivas foi encontrada constatou-se que as duas são empregadas com maior frequência em: narrativa ("Acrescentou-se a química com pequenas experiências em aparelhos" / "A Ladeira do Seminário foi alargada um metro"), hábitos e costumes ("Para a bronquite asmática, tomava-se porção de Todd" / "Para a empregada fazer a limpeza, as crianças eram postas numa cama só"), de orações adverbiais (já exemplificadas em cada uma mais acima), descrições de atividades, trabalho com certos objetos, uso de aparelhos e prescrições ("Nele se colocava o caldo ou creme" / "Os 'pratos' por cima do bumbo eram acionados pelo mesmo movimento do braço...") e interrogação ("_Mas como é que se mistura?" / "E como foi adubado o trigo?"). A sintética apresentou ainda o uso em anúncios ("Oferece-se uma cozinheira para o trivial") e a analítica para a ideia de informação compartilhada:
"É conhecido o desenho dos lampiões sobre postes, com cruzeta para pousar a escada em caso de desarranjo, ou de lavagem dos vidros". Para finalizar, é interessante também observarmos a flexão em número e pessoa dos verbos, tanto nas passivas analíticas quanto nas passivas sintéticas, unindo a frequência de ambas as obras. No caso das sintéticas, não há a possibilidade de ocorrência de verbos nas demais pessoas além da 3ª, sendo assim só podemos fazer um levantamento da flexão em número, havendo um predomínio de verbos no singular, que atinge o valor de 167 ocorrências de um total de 203, o que representaria 82,27%. Com relação ao plural, há apenas 36 ocorrências (17,73%), perfazendo um valor que configura pouco mais de ¼ do total de exemplos do singular.
Referindo-se às passivas analíticas, podemos dividi-las em quatro categorias: primeira pessoa do singular, primeira pessoa do plural, terceira pessoa do singular e terceira pessoa do plural. Como na sintética, o maior número de ocorrências aconteceu com a 3ª pessoa do singular, numa razão de 92/148 (62,2%), no entanto esse valor não é tão excessivo devido à existência de mais categorias. Quanto às ocorrências nos demais grupos, no caso, terceira pessoa do plural, primeira pessoa do singular e primeira pessoa do plural, temos, respectivamente, os seguintes valores: 46/148 (31,1%), 8/148 (5,4%) e 2/148 (1,3%).

REFERÊNCIAS

SOUZA E SILVA, Maria Cecília Pérez de. / Villaça Koch, Ingedore Grunfeld. Linguística Aplicada ao Português: sintaxe. São Paulo: Cortez, 1986.

DUARTE, Raul. São Paulo de ontem e de hoje... São Paulo: Predial Novo Mundo, 1941.

CUNHA, Celso. Gramática do Português Contemporâneo. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1989.

AMERICANO, Jorge. São Paulo naquele tempo (1895 - 1915). São Paulo: Narrativa Um, 2004.